Infância(s), educação e cultura: resistências e contracolonização (Parte II)

Daniela de Oliveira Guimarães[1]
Deise Arenhart[2]
Stela Guedes Caputo[3]

ARTIGO ORIGINAL

A proposta da parte II do Dossiê **Infância(s), educação e cultura: resistências e contracolonização** reafirma nossos compromissos assumidos no primeiro volume: reconhecer a infância como tempo de direitos e como categoria social e histórica; refletir sobre pedagogias que reconhecem o protagonismo das crianças e o direito de viver a infância em sua plenitude, numa perspectiva contracolonial; e considerar a interseccionalidade para articular pesquisas e práticas que não reproduzam desigualdades, mas que ampliem o direito à infância como tempo de liberdade, dignidade e esperança.

Na parte I deste Dossiê, reunimos 21 artigos em quatro eixos que apresentam temáticas diferenciadas, mas que se articulam na defesa de concepções acerca das infâncias e suas singularidades, desafiando modelos hegemônicos. Os artigos relacionam-se àdiscussão e àproposição de pesquisas, práticas e políticas educacionais comprometidas com a expressividade das crianças e com a dimensão política dos seus contextos de pertencimento. Na Parte II, aqui apresentada, 12 artigos estão organizados em três eixos, acompanhando a publicação anterior.

No eixo **infâncias em conexão com as brincadeiras, na interface entre natureza e cultura**, os artigos reúnem-se pela crítica ao modelo moderno colonizador

[1] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[2] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[3] Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

da infância, reconhecendo no brincar das crianças resistência e novos modos de produção, de inventividade e vida.

O artigo *Cuidando do cuidado: os desejos e os direitos das crianças de um planeta*, de Tatiana de Freitas Ordonhes de Mello, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos Santos e Isis Flora Santos, a partir de uma perspectiva cartográfica e contracolonial, busca dar visibilidade às experiências nas quais os diferentes corpos – humanos e demais modos-de-expressão-da natureza – se afetam de alegria e se potencializam no cuidado, no âmbito de diferentes instituições educacionais nas regiões de Camboriú (SC), Parobé (RS) e São Leopoldo (RS). Ao considerar a crise climática e a devastação ambiental brasileira, o trabalho indica a ética do cuidado como resistência, na ativação dos saberes dos territórios, das infâncias e, sobretudo, das mulheres.

O artigo *Sentidos atribuídos pelas crianças à educação infantil do campo*, de Euza Souza Sampaio Silva e Tatyanne Gomes Marques, apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que focaliza os sentidos atribuídos por crianças de quatro e cinco anos às políticas públicas da educação infantil do campo. A partir da abordagem mosaico, que congrega observação e entrevistas, com a introdução de ferramentas participativas, o trabalho sinaliza o distanciamento entre o que está escrito nos documentos oficiais e a educação ofertada. Com base nos depoimentos e desenhos das crianças, percebe-se a disparidade entre a realidade de contato com a natureza no campo e a precariedade ambiental na escola.

O artigo *"Tia, eu inventei uma brincadeira nova": culturas brincantes em coletivo*, de Brenda Ponte Fonseca, Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa, Stefani Baima de Sousa e Mariana de Sousa, problematiza os modos pelos quais um coletivo de crianças constrói culturas brincantes no contexto de um projeto de extensão universitária na cidade de Fortaleza. Sob inspiração do *ethos* da cartografia, no contraponto às gramáticas coloniais e disciplinadoras que operaram no cotidiano de crianças negras brasileiras, o trabalho aposta no acompanhamento do brincar, visibilizando e impulsionando o protagonismo de crianças e adolescentes.

No eixo **Infância, relações raciais e de gênero**, o conjunto de artigos traz o desafio das relações étnico-raciais e de gênero na escola. Na compreensão da importância de problematizar os caminhos da desigualdade que, muitas vezes, atravessam a relação com a diferença, os artigos problematizam experiências e oferecem caminhos na construção de uma educação democrática.

O artigo *Crime, raça e infância: o caso da "assassina de Ipanema" pelos periódicos da capital federal (1924–1928)*, de Victoria Guilherme, analisa o caso de uma empregada doméstica negra, que, aos 15 anos, ficou conhecida pela imprensa como "a assassina de Ipanema" após cometer um crime que resultou na morte de sua patroa. A partir desta situação, investigando a produção discursiva de periódicos da época, discute a infância como categoria historicamente e culturalmente construída, território em disputa, atravessado por marcadores de raça, classe e geração.

O artigo *A criminalização da infância negra no caso Miguel Otávio*, de Amanda Massucci Batista e Ellen de Lima Souza, analisa o discurso da branquitude presente na defesa de Sarí Corte Real, condenada pelo crime de abandono de incapaz com resultado morte, em decorrência do abandono de Miguel Otávio Santana da Silva, uma criança negra de cinco anos. A análise aborda os conceitos de branquitude e adultocentrismo presentes na defesa da acusada, fundamentando-se na perspectiva da infância como construção social, com ênfase em epistemologias das relações étnico-raciais.

O artigo *Fortalecendo identidades: programa de intervenções em socialização étnico-racial para crianças*, de Joana dos Santos e Dalila Xavier de França, por meio de aportes da psicologia social, apresenta uma experiência de intervenção, na perspectiva da socialização étnico-racial, fortalecendo identidade e buscando reduzir o preconceito em crianças e adolescentes. Expõe as etapas do processo de intervenção e seus resultados, indicando o caráter inovador da ação apresentada, na medida em que é dinâmica e atravessada pelo lúdico, envolve os participantes ativamente, desvia da lógica escolar tradicional, rompendo com o silêncio sobre o racismo na escola.

O artigo *"Meninas para um lado, meninos para outro": infância e gênero*, de Higor Ramos Ferreira, Flávia Martinelli Ferreira, Aldecilene Cerqueira Barreto, Sheila da Silva Machado e Ingrid Dittrich Wiggers,discute como as crianças dos primeiros anos do ensino fundamental, entre seis e dez anos, de três escolas em diferentes regiões do Brasil, desenharam suas brincadeiras preferidas e como questões de gênero foram explicitadas nestes desenhos. O trabalho mostra que as brincadeiras tradicionais são as preferidas tanto dos meninos quanto das meninas. Mas, ainda que haja uma predominância da participação de meninas ou meninos em brincadeiras separadas, em diversas cenas do brincar estereótipos de gênero aparecem diluídos, e as fronteiras de gênero são transgredidas.

O artigo *Crianças antirracistas! Vozes decoloniais na educação infantil*, de Robson Lima de Arruda, Adelaide Alves Dias e Cintia Mota Cardeal, discute impactos e desafios de uma educação para as relações étnico-raciais na educação infantil, numa perspectiva antirracista e contracolonial. A partir da observação empírica e escuta das crianças, em três instituições públicas, sendo duas creches urbanas e uma escola do campo, em turmas de pré-escola, com crianças de cinco anos e suas professoras, é possível dizer que, considerando algumas limitações, as práticas pedagógicas observadas demonstraram sensibilidade e comprometimento das professoras diante da temática.

No eixo **História, direitos das crianças, políticas e práticas educacionais**, os artigos mobilizam várias temáticas que focalizam a autoria infantil, o compromisso das políticas e práticas educacionais com a cultura de origem e a expansão cultural das crianças, formação de professoras como prática cultural, a inclusão, o cuidado e os direitos das crianças à proteção e à participação social.

O artigo *As infâncias em periferias urbanas e a educação integral*, de Mariana Roveroni e Jane Ferreira Porto, problematiza as vivências das infâncias populares de contextos urbanos no acesso à educação integral, partindo de experiências em duas localidades da Região Sudeste do Brasil, similares em suas vulnerabilidades sociais e impactos da pobreza multidimensional. No contraponto, nos dois contextos, sublinham-se oportunidades educativas de formação humana e evidências de manifestação das crianças, por meioda participação na convivência comunitária.

O artigo *Crianças, agora é a hora de ser aluno: representação das crianças no Curso do Programa Tempo de Aprender*, de Lívia Lempek Trindade Monteiro, Gabriela Medeiros Nogueira e Janaína Soares Martins Lapuente, analisa a representação das crianças nas videoaulas do Curso Práticas de Alfabetização, oferecido pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2020, no contexto do Programa Tempo de Aprender, para professores da pré-escola. A proposta é compreendida como contrária às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil, 2009). Nesta perspectiva, o curso compreende a criança como aluno disciplinado e homogeneizado, contrariamente à perspectiva do sujeito que brinca, explora, interage, socializa e produz cultura, proposta nos documentos nacionais.

O artigo *Arte, docência e práticas desobedientes na educação infantil: propostas decoloniais com o livro Da minha janela, de Otávio Júnior*, de Rodolfo Rodrigues Pontes e

Isabel Almeida Carneiro, discute como a arte pode favorecer a perspectiva decolonial nas práticas pedagógicas da educação infantil, dando espaço e voz à cultura da favela na escola, reconhecendo-a de maneira significativa, enriquecendo o senso de pertencimento das crianças.

O artigo *Para"ouvir" linguagens insurgentes: a pesquisa em dança com infâncias*, de Fernanda de Souza Almeida e Amanda Pathiely Serrania Faria, problematiza a posição adulta nas situações de docência e pesquisa, tendo em vista dar a ver, escutar e reconhecer as diversas expressões infantis. No desvio da perspectiva adultocêntrica, a pesquisa oportunizou experimentações com materiais cênicos (linhas, novelos de lã, elásticos, fitas métricas), envolvimento da professora-pesquisadora com as crianças e acompanhamento das produções criativas de dança, discutindo a possibilidade de uma postura de construção colaborativa, enlaçada com o devir, para que as crianças possam explorar e consolidar seus próprios saberes.

Com a continuidade do dossiê, totalizando 33 artigos, reiteramos o compromisso com a difusão do conhecimento que integra a perspectiva da infância e da educação como direito e possibilidade de resistência. Além disso, reforçamos a necessidade de pesquisas, práticas pedagógicas e políticas públicas comprometidas com a defesa radical da infância como direito e como experiência plural. Que os textos aqui apresentados contribuam para este debate.

Sobre as autoras

Daniela de Oliveira Guimarães
Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Psicologia pela UFRJ, mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).Coordena o Grupo de Pesquisa CUIDA (Cuidado Infâncias Docência Afeto na educação de bebês e crianças pequenas), realizando pós-doutoramento em Educação na UFPR.
E-mail: danguimaraesufrj@gmail.com

Deise Arenhart
Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua no curso de Pedagogia com disciplinas voltadas ao campo da Educação Infantil. Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena o projeto de Iniciação à Docência - Pibid/ Pedagogia/UFRJ e integra o Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação - Leduc.
E-mail: deise.arenhart@gmail.com

Stela Guedes Caputo
Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Jornalismo pela Universidade Estácio de Sá, mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Coordena o Grupo de Pesquisa Kékeré. Procientista/UERJ. Bolsista CNPq (PDS), realizando pós-doutoramento em Educação na FEUSP.
E-mail: stelauerj@gmail.com